

Contestações dos regimes coloniais de representação nas imagens de três fotógrafes fluminenses¹

Fernanda Alcantara Duarte²
Yasmim Martins Belo Cavalcanti³
Maria Eduarda Rocha Ferreira⁴

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O trabalho aborda a produção de três fotógrafes que discutem questões de raça, gênero e saberes tradicionais no Estado do Rio de Janeiro, integrantes do Projeto Visus Decoloniais (Uerj/Faperj). O objetivo é analisar tais produções a partir das noções de colonialidade do ver em Joaquín Barriandos e de regimes racializados de representação em Stuart Hall e evidenciar que tais imagens, por emergirem das experiências do corpo e do território, constituem contranarrativas capazes de produzir outros olhares e imaginários sobre corpos, territórios e saberes estigmatizados e invisibilizados.

PALAVRAS-CHAVE

Fotografia; Diversidade; Corpo; Território; Decolonialidade.

INTRODUÇÃO

Diversos autores chamam nossa atenção para os modos como nossa cultura visual está impregnada de imagens que reforçam representações que historicamente fixaram em posição de subalternidade corpos, saberes e modos de vida. Visibilidade (MIRZOEFF, 2011), imagens de controle (COLLINS, 2002) e regimes racializados de representação (HALL, 2016) são alguns dos conceitos usados para tratar de sistemas de codificação visual que sustentam o que Joaquín Barriandos (2019) chamou de colonialidade do ver, práticas e discursos que produzem percepções estigmatizantes e excludentes do Outro e

¹ Trabalho apresentado ao GT Comunicação antirracista, pensamento afrodiáspórico e interseccionalidades, evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

² Estudante de Graduação (Iniciação científica), 8o período do curso de Relações Públicas, e-mail: fernandaalcantaraduarte@gmail.com

³ Estudante de Graduação (Iniciação científica), 5o período do curso de Jornalismo, e-mail: yasmartins.cavalcanti@gmail.com.

⁴ Estudante de Graduação (Iniciação científica), 2o período do curso de Relações Públicas, e-mail: eduardarocha.uerj@gmail.com

impõe formas de violência para corpos, espaços e modos de vida que não se encaixam nos modelos moderno-ocidentais.

Não é novidade que as imagens funcionam como dispositivos de produção e de regulação de nossos imaginários sociais da alteridade. No caso dos corpos negros e dos saberes afro-diaspóricos, há um filtro que os traduz e constroi sua subalternização: o que Hall (2016) chamou de regimes racializados de representação, sistemas e práticas de marcação da diferença que geram visões estigmatizantes e excludentes tendo como base a noção de raça.

Fanon (2008) e hooks (2019) também já abordaram a essencialização das representações racializadas, que produzem e reforçam uma imagem do negro associada à selvageria, irracionalidade, desonestidade e inferioridade intelectual. Porém, esses mesmos autores nos lembram que há possibilidades de contestar esses regimes de representação. Neste contexto, a fotografia, que historicamente participa desses regimes, constitui hoje um importante espaço para esta contestação, contribuindo também para a recodificação visual de corpos, espaços e espaços subalternizados e invisibilizados.

Com o intuito de investigar esses processos de contestação, foi iniciado em 2023 uma pesquisa⁵ sobre fotógrafas que atuam no Estado do Rio de Janeiro com temáticas de raça, gênero e ancestralidade. Metodologicamente, busca-se investigar as estratégias e as formas de abordagem presentes nas narrativas visuais desses fotógrafas. Nelas, percebemos que a linguagem documental costuma ser a mais usada na construção das imagens. Mas observamos também que elas não consistem em meros registros. Elas produzem uma certa imaginação com o que é visto, ou seja, são estratégias com as quais se busca recusar e desmontar estereótipos e criar novos olhares sobre corpos, identidades e modos de vida a partir da experiência das próprias fotógrafas.

É o que buscaremos demonstrar a seguir através da breve análise de três dos perfis mapeados pelo projeto: Rafael Oliveira (RaH BXD), sobre raça e território, Rossana Fraga, com questões de gênero e sexualidade, e Antônio Dourado, que discute saberes tradicionais afro-diaspóricos.

⁵ Projeto Visus Decoloniais, com apoio da Faperj e coordenado pelo Prof. Fernando Gonçalves, do PPGCOM-UERJ. Por meio de formulários de auto-preenchimento, são coletados dados quantitativos e qualitativos sobre fotógrafas e suas produções, que servem de base para a criação de perfis no Instagram (visusdecoloniais@RJ) e de um site (www.visusdecoloniaisrj.com), por meio dos quais busca-se também lhes dar visibilidade.

OLHARES SOBRE RAÇA, GÊNERO E ANCESTRALIDADE

Rafael Oliveira, conhecido como RaH BXD⁶, é morador de Belford Roxo, na Baixada Fluminense e possui formação pela Escola de Fotografia Popular do Complexo da Maré. Rafael atua também como artista visual, rapper e produtor cultural. Seu trabalho tem como foco as periferias do Rio de Janeiro e consiste em produzir imagens do cotidiano desses espaços, de forma a contribuir para a desconstrução de estereótipos que costumam reforçar aspectos de marginalização.

Suas imagens são caracterizadas pelo uso do preto e branco e por fortes contrastes de claro e escuro, com os quais constrói uma documentação humanizada de moradores e das comunidades. Esse aspecto pode ser visto em imagens como “Pedro, Brian e Galo”, em que duas crianças negras aparecem sentadas em uma calçada. Nesse cenário, uma das crianças está sem camisa enquanto a outra se encontra descalça segurando um galo. O franzido dos olhos das crianças e a sombra dos corpos nas arquiteturas evidenciam que a luz solar que ilumina frontalmente a cena: um dia de sol com crianças brincando com um galo. O retrato, posado, é realizado de forma frontal e aproximada, permitindo ver em primeiro plano as duas crianças de corpo inteiro sorrindo. Nessa captura, pelos usos da luz, dos contrastes e das texturas, a frontalidade se torna um gesto potente que põe em cena o cotidiano e a presença desses corpos na relações com seu território, enquanto a proximidade e a construção da cena se tornam elementos fundamentais para construir humanização dessa presença e dessas relações.

É interessante observar que essa e outras imagens de Rafael não romantizam os corpos negros nem as periferias: a escolha das situações, dos pontos de vista e dos cortes na imagem afirmam singularidades, evidenciando tanto precariedades quanto potências de vida, sem idealizações. Seu olhar, imerso em sua própria experiência racial e territorial, consegue criar um ponto de vista muito particular sobre o cotidiano desses espaços e de seus moradores. Sua fotografia, consegue, ao mesmo tempo, romper com estigmas e apresentar uma visão contraposta à ótica racializada, que normalmente invisibiliza a vida desses corpos e nesses territórios ou os mostra de forma depreciativa. Finalmente, observa-se que seu trabalho sobre as periferias amplia nosso olhar para além das favelas,

⁶ <https://www.visusdecoloniais.com.br/rahbxid>

permitindo expandi-lo para outros espaços estigmatizados, como a Baixada Fluminense, fortalecendo as lutas pelo direito à cidade.

Lançando um olhar sobre gênero e sexualidade, Rossana Fraga⁷ descreve seu trabalho como diálogos dos corpos femininos através da escrita performática artística e cotidiana. Rossana é Mestra em Ciências Sociais pelo PPCIS da Uerj, com Pós-graduação em Sociologia Urbana pela mesma instituição e Graduação em Produção Cultural pela UFF e mantém contato com a fotografia e as artes visuais desde a adolescência. Segundo Rossana, a fotografia é utilizada em seus trabalhos como instrumento de luta por direitos humanos e de denúncia e de informação, reformulando imaginários estereotipados de gênero e sexualidade. Seus trabalhos se dedicam a mostrar a performatividade dos corpos de mulheres cis e trans em espaços públicos. Sua fotografia carrega afetividade e luta, rompendo padrões dominantes de imaginação dos corpos femininos através da produção de outras percepções políticas dos mesmos.

Nas imagens feitas do coletivo Mulheres de Buço, durante a manifestação “Por Todas Elas (Nós)”, contra a cultura do estupro, realizada em 2016, Fraga captura a expressão corporal de mulheres de *topless* e arames pelo corpo com pinturas estampando as palavras “perigo” e “o corpo é meu”. Em preto e branco, com contraste médio entre luz e sombra, usando a iluminação presente em postes e prédios ao redor, e fazendo a captura de cima para baixo, Fraga subverte os ângulos que fazem com o gênero feminino sempre apareça com uma estatura menor. Com isso, suas imagens ampliam material e simbolicamente a presença feminina.

Fazendo um contra-ponto estético à subalternização desses corpos, seu olhar vai além do que está na cena. Destaca a paixão e fúria, sentimentos que também rasga as narrativas dominantes de como as mulheres devem se comportar e vestir. O batom vermelho, mesmo visto em preto e branco, é mostrando em contraste com suas peles. O tom de preto dá o aspecto de romper o silêncio, numa sinestesia entre imagem e som.

Como afirma Hall (2016), no campo das representações os significados nunca são fixos. Assim, ao trazer mulheres em luta, Rossana busca romper com a ideia de fragilidade do ser, construindo uma visibilidade para seus corpos e ações em uma perspectiva de tomada de poder e de ocupação dos espaços públicos, onde o sistema patriarcal costuma estabelecer regras sobre essas vivências. É uma crítica ao *cistema*, que

⁷ <https://www.visusdecoloniais.com.br/rossanafraga>.

não leva em consideração particularidades e direitos do feminino, o que inviabiliza essas mulheres. Em suas imagens, o que é visto como “exagero” pela lógica representacional cisgênero e patriarcal dominante, é ruptura representacional por meio do visual.

Já no campo dos saberes tradicionais, Antônio Dourado⁸ desenvolve um trabalho acerca das representações e narrativas visuais das religiões de afro-diaspóricas e da militância política e artística preta da Baixada Fluminense, além de um projeto de oficina de fotografia com os alunos da EJA da Escola Municipal Santa Luzia em Santa Cruz da Serra, Duque de Caxias. Dourado se considera um fotógrafo autodidata, mas, como Rafael Oliveira, participou do curso de formação de fotógrafos populares do Imagens do Povo/Observatório das Favelas. Como pedagogo, busca construir um letramento visual crítico sobre os aspectos étnico-raciais, identitários e culturais desta comunidade, a partir das imagens produzidas pelos próprios estudantes.

Ao analisarmos uma de suas fotografias, intitulada “Oxum, deságua um rio em mim”, percebemos que a imagem transmite a essência radiante de Oxum, refletindo as suas principais características, como amor, fertilidade e prosperidade. O fotógrafo utiliza a luz e o fundo preto de maneira estratégica para destacar a figura central da divindade, envolta com indumentárias da cor amarela e dourada com adereços na cabeça e no pescoço, que irradiam uma aura de luz suave. Este uso sutil da luz não apenas realça a figura de Oxum, mas também cria uma atmosfera sagrada ao redor dela. Toda a composição da imagem é cuidadosamente planejada para transmitir simbolismo e significado. A escolha da posição das mãos e a expressão serena, transmite uma sensação de acolhimento e proteção, convidando o espectador a se conectar com a divindade.

Como observado por Hall (2016), as imagens fotográficas não apenas refletem, mas também constroem e negociam identidades culturais. Nesse sentido, a fotografia de Oxum não é apenas um documento estático, mas sim artefato dinâmico que contribui para a construção e reafirmação da identidade afro-diaspórica. Por meio das lentes do fotógrafo, somos confrontados com o que Susan Sontag (2004) chamou de dualidade entre a realidade capturada e a realidade percebida, entre o que é mostrado e o que é omitido. Na fotografia em questão, essa dualidade se manifesta na interseção entre o visível e o invisível, entre o tangível e o espiritual, convidando-nos a questionar nossas próprias percepções e compreensões das espiritualidades e das culturas afro-diaspóricas.

⁸ <https://www.visusdecoloniais.com.br/antonio-dourado>.

Considerações finais

A partir das noções de colonialidade do ver (BARRIENDOS, 2019) e de regimes racializados de representação (HALL, 2016), buscamos demonstrar como a produção de fotógrafes como Rafael Oliveira, Rossana Fraga e Antônio Dourado podem ser pensadas como narrativas visuais que afirmam a diversidade de olhares sobre corpos, saberes e territórios estigmatizados e perturbam narrativas e imaginários estabelecidos.

Ao descrever brevemente algumas de suas produções, buscamos evidenciar como se tratam de narrativas autorreflexivas que constituem espaços de resistência e de tomada de controle sobre a própria representação. Tais narrativas constituem olhares implicados sobre experiências de cidade, de corpo, de identidade e de cultura e que ainda não têm muito espaço nem reconhecimento em nossa cultura visual ou em campos institucionalizados. São imagens que faltam e que precisam ser produzidas e disseminadas para se criar outras referências e memórias visuais sobre/para corpos, territórios e culturas marginalizadas e invisibilizadas em nosso presente.

Finalmente, nossa aposta é que esses olhares “de dentro” não devem ser lidos como sendo essencializantes ou que buscam apenas desconstruir estereótipos, mas como formas de imaginação política que podem contribuir para a implosão de lógicas representacionais que reduzem corpos, territórios e saberes a perspectivas únicas, desumanizantes e excludentes.

REFERÊNCIAS

- BARRIENDOS, Joaquin. A colonialidade do ver: rumo a um novo diálogo visual interepistêmico. **Epistemologias do Sul**. v.3, n.1, 2019.
- COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. New York: Routledge, 2002.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. 15. ed. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.
- HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.
- MIRZOEFF, Nicholas. **The right to look: a counterhistory of visibility**. Durhan & London: Duke University Press, 2011.
- SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.